

# Alberto Bessa e a sua história do jornalismo – uma memória de cem anos

Rogério Santos<sup>1</sup>

No presente trabalho, parte-se da análise de um livro de Alberto Bessa sobre a história do jornalismo (*O jornalismo. Esboço histórico da sua origem e desenvolvimento até aos nossos dias*), editado em 1904 – há precisamente um século. Dividiu-se o texto em duas partes, sendo a primeira a apresentação do livro, enquanto na segunda se faz uma reflexão sobre o trajecto profissional do jornalista e o surgimento da Associação da Imprensa Portuguesa, a que ele ficou ligado profundamente.

## A história do jornalismo

Foi a 9 de Março de 1904 que Alberto Bessa deu uma conferência pública sobre a origem do jornalismo e o seu desenvolvimento. A ocasião seria a cerimónia de inauguração da Sociedade Literária Almeida Garrett, grémio de escritores, literatos e artistas, em Lisboa, de que o orador foi animador. Nos comentários à conferência, escrevia o

*Diário de Notícias* (10 de Março de 1904) que “Alberto Bessa manifesta não só grande investigação de notas e de factos notáveis no jornalismo de quase todo o mundo, como também um grande estudo sobre a especialidade”. A peça noticiosa, seguindo as ideias do conferencista, destacava a imprensa como “palavra organizada em instituição, tornada eco da multidão anónima, obscura, desvalida, paciente, irresoluta e murmurante, servindo, com a sua voz, de válvula de segurança providencial”.

Vivia-se um período de confluência da imprensa política com a informação mais neutral, de carácter levemente sociológico, em que era ainda notório o peso dos escritores na confecção de artigos de fundo e na produção de folhetins, o repórter nascia como informador que procura os factos na rua e o noticiário se apresentava como matéria distinta das gazetilhas poéticas e dos artigos de fundo, muitos deles escritos em lingua-

gem inflamada, levantando-se contra a censura de imprensa no final do regime monárquico. Por essa altura, Lisboa tinha mais de uma vintena de jornais diários, muitos deles com tiragens bastante reduzidas e pagando mal, quando pagavam, aos seus colaboradores.

O êxito da sessão levou o autor a publicar o texto, ainda nesse ano. No livro, há referências a salários e estatuto dos jornalistas, à divisão entre jornalistas especialistas e generalistas, com apresentação dos principais jornais por país e o carácter literário de muitos deles. Não se trata de uma perspectiva científica como a dos manuais de jornalismo de hoje ou de um trabalho prático de como fazer reportagens ou notícias, mas mais um reportório histórico de tendências da actividade em países como os Estados Unidos, Inglaterra e França, sem esquecer Portugal.

O tema mais reflectido seria o da relação entre intelectual e repórter no jornal, demonstrando que, no começo do século XX, o jornalista ainda estava dividido entre as duas profissões. Bessa deu exemplos como o *L’Echo de Paris*, surgido em 1884, ao preço de 10 cêntimos, mais barato 50% que outros jornais: “O novo jornal veio democratizar a literatura, espalhando-as entre todas as classes sociais, atingindo mais de 150 mil exemplares”. Na lista dos seus colaboradores figuravam nomes como Edmond de Goncourt, Alphonse Daudet e Anatole France. Logo a seguir vinha o *Le Journal*, saído em 1892, que também unia a faceta literária à da informação e onde se publicavam “números especiais consagrados aos grandes acontecimentos artísticos ou desportivos, teatros, salões, corridas, etc., números profusamente ilustrados”. Já nos Estados Unidos, os jornais eram “mais feitos com os pés do que com as mãos”, significando que o profissional tem de “andar muito, de correr à caça da notícia, esteja ela onde estiver, de ser muito

activo e muito rápido”<sup>2</sup>. Os jornalistas precisavam de

“demonstrar que estão alerta, que tudo ouvem, que tudo vêem, que se não fatigam [...]. O que se quer é que o público seja informado de tudo no menor espaço de tempo possível. Para isso, as notícias têm de ser breves, sérias e secas, a não ser que se trate de casos verdadeiramente sensacionais”.

O mesmo ocorria com os jornais ingleses: o *Times* dedicava “uma insignificância à parte que pode chamar-se intelectual, mas faz pagar por bom preço a parte destinada ao negócio ou a interesses meramente particulares”. As remunerações e as mordomias dos correspondentes foram assunto a merecer muito destaque no livro, até pelas comparações com a realidade jornalística nacional. Para Bessa<sup>3</sup>, o

“correspondente inglês em Berlim ganha mil libras por ano, tem casa paga e quinhentas libras para despesas de expediente e de representação. O de Paris, a quem os colegas chamam o príncipe dos correspondentes, recebe duas mil libras por ano, habita uma casa magnífica, tem carruagens e cavalos à sua disposição e recebe ainda mil libras por ano para gastos extraordinários”.

O autor destacou também os directores e diferentes níveis hierárquicos dos jornais. O *New York World*, pertencente a Joseph Pulitzer, com tiragem diária de um milhão de exemplares, tinha um “serviço de informação” com 50 repórteres para os casos de Nova Iorque, 30 para Brooklyn e 30 para Nova Jersey. Em simultâneo, tinha dez correspondentes em Washington, um nas principais cidades americanas e um em cada capital da Europa. Em média, um redactor principal ganhava de 7 a 9 contos de réis por ano, o noticiarista (*news editor*) à volta de 2 contos de réis, o redactor dos telegramas de 900 réis a 1,8 contos de réis e o encarregado da secção desportiva de 2 a 2,5 contos de réis. Isto por oposição a Portugal, onde um jornalista no

começo de carreira podia ganhar apenas 500 réis diários<sup>4</sup>.

Alberto Bessa explicava o sucesso dos jornais americanos – as verbas angariadas pela publicidade. Para o autor, “Sem a receita dos anúncios e reclames, as edições dos domingos dariam enorme prejuízo às respectivas empresas”. É que as edições dos domingos na América, cujo elevado número de páginas causava assombro,

“variam entre 30 e 140 páginas, com sete colunas de leitura em cada página. Atingem cinquenta páginas de anúncios, quatro páginas de histórias cómicas, coloridas para crianças, um trecho de música para cortar e colar, um quebra-cabeças que entretém uma meia hora, cinco ou seis páginas ilustradas para senhoras com todas as modas da semana, cinco ou seis páginas consagradas ao teatro com a crítica das peças novas, reproduções das cenas principais e retratos dos artistas”<sup>5</sup>.

Isto além de duas páginas de correspondência estrangeira e vinte consagradas aos Estados Unidos.

Das rotinas produtivas dos jornalistas pouco escreve o autor. Mas refere, embora sem o designar deste modo, o “faro” para as notícias:

“Um dos correspondentes – cita Bessa – dizia aos jovens jornalistas: «sempre que logrem apanhar uma indiscrição ou uma informação [...] mudem logo de assunto, mas não se despeçam bruscamente, porque o interrogado pode reflectir no que disse de importante e pedir-lhes que não façam uso das suas palavras»”. E salienta a realidade portuguesa, onde toda a gente preferia estórias de facadas ou adultérios a um artigo de jornalista ou escritor consagrado<sup>6</sup>.

O mesmo receio tinha sido expresso por outro jornalista, pouco anos antes<sup>7</sup>. O sensacionalismo tomava conta dos jornais. Mas, apesar destas contrariedades e de os periódicos se estarem ainda a libertar dos

directórios partidários, o autor defendia o jornalismo do nosso país, não “inferior ao das restantes nações da Europa, pelo que respeita ao seu pessoal que chamarei graduado e tratando-se, como é claro, dos jornais verdadeiramente independentes”. Havia outra pecha: o anonimato, o “pior mal de que enferma o jornalismo”. Se, em França, a colaboração anónima, mais barata ou gratuita, ocupava três quartos do texto dos jornais, entre nós, tal situação servia para atrasar a censura da imprensa imposta por sucessivos governos.

No momento em que deflagrara a guerra entre a Rússia e o Japão (1904) era obrigatório o tema dos correspondentes de guerra. De acordo com o autor, o *Times* foi o primeiro jornal a enviar correspondentes especiais aos campos de batalha na guerra da Crimeia: “Calcule-se o sucesso quando o *Times* e o *Daily Telegraph* deram, numa manhã, a notícia sensacional da tomada de Sebastopol, num telegrama dos seus correspondentes”. Esse sucesso serviu para os proprietários dos outros jornais criarem serviços telegráficos. A concorrência a isso obrigava.

Um ângulo analisado pelo autor foi o da tecnologia. Quando destacou o jornal inglês *Times*, salientou as suas secções: numa delas, “está o aparelho telegráfico privativo, que liga com Paris. [...] Noutra sala está o aparelho telefónico [onde] se recebem as transmissões dos debates do parlamento”<sup>8</sup>. Deste modo, o discurso de qualquer deputado seria do domínio público uma hora depois de proferido. Na já referida guerra entre a Rússia e o Japão, um jornalista destacado transmitia mensagens através de telégrafo colocado num navio, para escapar à censura japonesa. Do mesmo modo, o autor concedeu grande entusiasmo à maneira como os jornais eram transportados ao longo dos Estados Unidos: às duas e meia da madrugada, formava-se um comboio na gare central de Nova Iorque, recebendo volumes de jornais que chegavam em vários carros. Transportados para o interior do vagão de mercadorias, e ao longo da própria viagem, os empregados dividiam os maços de jornais conforme as localidades e atiravam-nos para as gares das estações.

Outro assunto abordado por Alberto Bessa foi o da formação dos jornalistas. Mais uma

vez o exemplo vinha dos Estados Unidos. Como muitos dos jornalistas possuíam uma cultura intelectual limitada, o proprietário do *World*, Joseph Pulitzer, concebeu a ideia de uma escola de Jornalismo, anexa à Universidade de Columbia. Para dotação dessa escola, Pulitzer atribuiu dois milhões de dólares, garantindo aumentos caso o sistema funcionasse bem. O programa dos cursos da escola de Jornalismo incluía administração e direcção de um jornal, elaboração material do jornal, direito jornalístico, moral do jornalismo, história do jornalismo e forma literária do jornal, numa clara aposta inicial para formar gestores de empresas jornalísticas. A escola deveria começar nesse mesmo ano de 1904. Concluiu Bessa: “Se para escrever nos jornais se exigisse um título de habilitação, seguramente que os autores de tais escritos [incorrectos] não poderiam conquistá-lo, por incapacidade; e a imprensa teria lucrado com isso”. Recorrente na história do jornalismo português, o tema da formação própria do jornalista havia sido já encarado por Alberto Bramão, numa conferência que realizou em 1899, em Lisboa.

## 2. Do percurso profissional de Alberto Bessa à Associação da Imprensa Portuguesa

Alberto Bessa, escritor e jornalista, nasceu no Porto (29 de Setembro de 1861) e morreu em Lisboa (27 de Janeiro de 1938). Principiou a sua carreira de jornalista como redactor principal do jornal socialista *O Operário*, do Porto, que, mais tarde, se fundiu com *O Protesto*, de Lisboa, chamando-se *O Protesto Operário*, com redacção nas duas cidades. O primeiro artigo em *O Protesto Operário*, que assinou com A. B. (iniciais do seu nome, empregues em toda a vida jornalística), saiu na primeira página da edição de 14 de Janeiro de 1883. Depois, o jornalista fundou e dirigiu publicações no Porto como *A Semana*, *Miniaturas*, *Novidades*, *Velocipedista*, *Revista Luso-Espanhola*, *Galeria Portuguesa* e *Crónica*.

Para o segundo número da *Galeria Portuguesa* (Natal de 1892), Alberto Bessa escreveu um poema. A seguir, com regularidade, assinou pequenos textos sobre personagens do Porto, nomeadamente jornalistas – acompanhados por gravuras representando

do os mesmos. Por seu lado, *O Velocipedista*, surgido em 1893, a defender o ciclismo, a ginástica e a natação como meios para o desenvolvimento físico, contaria com a colaboração de Alberto Bessa um ano depois. A ligação tornou-se mais íntima até o seu nome aparecer como director (15 de Outubro de 1894). Nessa altura, a publicação ostentava já a designação de revista internacional de *sport-literária*, noticiosa e profissional. No seu percurso portuense, Bessa trabalhou ainda nos diários *A Discussão*, *Dez de Março*, *Voz do Povo*, *República Portuguesa*, *Jornal da Manhã*, *Província* e nos jornais humorísticos *Zé-povinho*, *Tam-tam* e *Pimpolho*.

O jornalista mudar-se-ia para Lisboa em 1896, aos 35 anos, para trabalhar em *O Século*, a convite do seu director Silva Graça. Mais tarde, saiu para fundar o *Diário*, em 1902, com mais nove redactores efectivos do *Século*, em conflito com as posições do jornal na questão dos tabacos. Em 1906, tornou-se redactor efectivo do *Diário de Notícias*. No ano da implantação da República, transferiu-se para o *Jornal do Comércio e das Colónias*. A morte de representante da empresa e director, a 12 de Julho de 1917, levou Alberto Bessa ao desempenho das funções de redactor principal e, a 1 de Janeiro de 1921, o seu nome aparecia, na cabeça do jornal, como director. Ficou nesse cargo até 1932, quando o conselho de administração passou a dirigir o jornal<sup>9</sup>. O jornalista atingia os 70 anos de idade.

Numa altura em que já pertencia aos quadros deste jornal, em 1912, escreveu a *Enciclopédia do comerciante e do industrial*, um volume com 690 páginas voltado objectivamente para o ensino e para os leitores do periódico. Como se observa no frontispício do livro, tratava-se de “obra indispensável a quantos se dediquem ao comércio e à indústria – repositório de conhecimentos úteis e necessários a comerciantes e industriais – livro de educação teórica e de utilidade política”. Mais à frente reafirmava tal posição: “Não é [...] um livro para eruditos: é um livro para os que fazem do trabalho comercial ou industrial timbre e brasão”<sup>10</sup>. Os capítulos do livro versam sobre influência do comércio na civilização, história do comércio, legislação comercial, escrituração comercial, abreviaturas e frases comerciais,

dinheiro, câmbios e bancos, teoria do juro, associações comerciais, pesos e medidas, protecção e livre-câmbio, marinha mercante, serviço de correios, serviço de telégrafos, contribuições comerciais e industriais. Assumindo querer ligar o nome “de modesto e obscuro trabalhador da imprensa a uma obra que tivesse utilidade prática”, da bibliografia consultada Alberto Bessa enumeraria 53 obras, sendo 33 francesas e quatro italianas.

Quando chegou a director do *Jornal do Comércio e das Colónias*, em 1921, com as iniciais A. B., Alberto Bessa escreveu o editorial “De um ano a outro. O que é urgente fazer-se”. Aí podia ler-se: “Não há revulsivo social de mais tremendo abalo como o das cóleras ateadas e desenvolvidas pelos gritos da fome. E o problema das subsistências não só não está resolvido, como nem sequer se encontra simplificado”. A esta ideia, contrapôs uma segunda, no mesmo editorial:

“Urge que nos entendamos todos para o bem comum, com a mesma férrea vontade potentíssima e com a mesma alma empreendedora e crente, que trazíamos a bordo das armadas descobridoras, para arrancar da terra – desta nossa boa terra portuguesa – a prosperidade que outrora íamos procurar nos mares”<sup>11</sup>.

Em pano de fundo, estava a questão dos jornalistas, a caminho de uma greve, que se desencadeou logo no começo de 1921 e se prolongou por 104 dias.

Já quando saiu, em 1932, escreveu o editorial “Ao render da guarda. Entregando o posto”, tema significativo de todo o seu percurso. Para o jornalista,

“não desprestei as gloriosas tradições do velho órgão jornalístico. [...] sempre procurei servir honestamente a imprensa sem a desprestigiar ou conspirar, não tolerando sem os meus protestos – um dos quais teve mesmo certa retumbância – que outros a deslustrassem ou envilecessem, pois que, modesto como sou, zelei sempre a honra do meu nome e a dignidade da minha profissão”<sup>12</sup>.

Acompanhando a saída “da antiga gerência da empresa, cuja retirada eu quis acompanhar”, Alberto Bessa recordava não certamente um protesto mas dois, o primeiro dizendo respeito à posição assumida por ele, Alfredo Cunha, Tito Martins, Manuel Guimarães, Aníbal Soares e outros responsáveis dos jornais de Lisboa e Porto, com excepção de “*O Mundo*, após reunião no seu *Jornal do Comércio e das Colónias*, em defesa pela liberdade de expressão, silenciada pela entrada de Portugal na guerra, em Outubro de 1917<sup>13</sup>. O segundo protesto era mais recente, e também pelo mesmo motivo: a censura de imprensa estabelecida a 22 de Junho de 1926 obrigou a nova reunião no seu jornal, resultando no envio de emissários ao quartel do Carmo. Desta vez, porém, a censura vinha para ficar por quase cinquenta anos, obrigando-se os jornais a inserirem a frase “Este número foi visado pela Comissão de Censura”<sup>14</sup>.

Alberto Bessa, que começara na imprensa republicana radical aos 16 anos, justificara com o muito prestígio alcançado na sua longa vida profissional a ocupação dos elevados cargos no *Jornal do Comércio e das Colónias*, de onde saiu reformado. A sua liderança no jornal foi contemporânea do começo e fecho de um ciclo: do estertor da Primeira Guerra Mundial e do assassinato do Presidente Sidónio Pais (1917) à consolidação da Ditadura e advento do Estado Novo (1932). Uma vida activa de observação de grandes transformações sociais – para não relevar as políticas – e a que o profissional, desde há muito, também emprestara o seu comprometimento em campanhas de apoio social aos jornalistas (montepio, socorros mútuos), praticamente logo depois de ingressar em *O Século*.

Nesse momento, em 1897, tornar-se-ia secretário da comissão instaladora da Associação da Imprensa Portuguesa. Em relatório de actividades, a comissão considerava que,

“Vendo, com desgosto profundo, que não existia em Lisboa nenhuma associação jornalística onde pudessem ter livre ingresso todos os trabalhadores, embora modestos, que se empregam na inglória e, por vezes, bem rude faina da imprensa periódica,

assim como que não havia fundada qualquer agrupação onde os nossos camaradas pudessem encontrar desde logo o auxílio, que tantas vezes lhes escasseia, em casos de doença ou inabilidade; e onde as viúvas e órfãos dos que fossem seguindo para a sepultura pudessem encontrar, até certo ponto, os recursos que lhes faltassem ao descansar para sempre o braço amigo e protector de seus maridos e pais, pensara o jornalista José de Lemos, da redacção do “*Repórter*, desde havia muito, em convidar os colegas que aderissem à sua ideia a congregarem-se para a levar a cabo e neste sentido havia até mandado imprimir, à sua custa, uma circular de convite que não chegou, porém, a fazer seguir”<sup>15</sup>.

A José Lemos e Alberto Bessa juntaram-se outros jornalistas do *Século*, Vieira Correia e Ludgero Viana.

José Carlos Valente, historiador do sindicalismo dos jornalistas portugueses, considera que a criação da Associação da Imprensa Portuguesa foi feita por oposição à Associação dos Jornalistas<sup>16</sup>. Esta última resultara do trabalho desenvolvido por Magalhães Lima, Brito Aranha, Trindade Coelho, Alves Correia, Cândido de Figueiredo, Fernando Pedroso, Alfredo da Cunha, Lourenço Cayolla e Alfredo Gallis, no começo de 1896. Da associação podiam fazer parte escritores ligados à imprensa periódica<sup>17</sup>. Ao invés, a Associação da Imprensa Portuguesa tinha uma quotização mais económica e um recrutamento mais democrático de sócios, aceitando a presença de repórteres (ou informadores), grupo já numeroso e que não tinha entrada na associação dos jornalistas. Mas parece-me existir uma demarcação mais fina entre as duas associações. Primeiro, de distinção: enquanto a Associação dos Jornalistas (de Lisboa) visava pugnar pela qualidade dos textos literários nas folhas e pela afirmação, embora ainda frágil, da emancipação dos jornais face aos partidos, a Associação da Imprensa Portuguesa tinha preocupações de índole social e reivindicativa (leis laborais e assistenciais), que estarão na origem do

movimento sindical no séc. XX, como observa a historiadora Rosa Sobreira<sup>18</sup>. Segundo, de semelhança: a luta pela liberdade de informação seria um elo comum aos dois movimentos, detectável quer no jornal que serviu de motor à criação das duas associações (*Repórter*) quer no peso assumido por Alberto Bessa (um dos promotores da associação operária e o anfitrião dos directores de jornais por alturas da censura de imprensa em 1917 e 1926).

Uma das principais realizações da Associação da Imprensa Portuguesa foi a Exposição da Imprensa, em Maio de 1898, por ocasião do centenário da descoberta do caminho marítimo para a Índia. De um dos textos extraídos do número único de jornal que acompanhou a exposição, escreveu Bessa<sup>19</sup>:

“desde muito que o meu espírito acariciava a ideia de promover como que a realização de uma parada das forças jornalísticas no nosso país, de modo a deixar ver, aos que a desconhecem, qual a importância entre nós adquirida por essa instituição”.

O próprio jornalista ficara surpreendido pela enorme quantidade de publicações expostas e que se haviam reunido em pouco tempo. A venda do jornal renderia 23\$100 réis, proporcionando a exposição um saldo positivo. Outras bandeiras de acção da associação foram as tomadas de posição nas “querelas” resultantes das leis de imprensa e os subsídios concedidos a viúvas e órfãos de associados, bem como outros apoios na doença e no desemprego<sup>20</sup>. O relatório do segundo ano de actividades referia que era de louvar “o comportamento desses órfãos [apoiados pela associação] no colégio e o seu aproveitamento nos estudos”<sup>21</sup>.

Pela mesma ocasião, a Associação da Imprensa Portuguesa fez-se representar no congresso internacional da imprensa, realizado em Lisboa em Setembro de 1898. Apesar de não filiada no Bureau Central das Associações de Imprensa, promotor e organizador do congresso, pôde assistir e projectou ler uma mensagem na ocasião, que dizia:

“A liberdade de consciência, a mais bela e mais pura de todas as liberdades, ainda não é um princípio universalmente admitido, e a liberdade de escrever e de falar, que dela derivam, sofre ainda as consequências de regulamentações por vezes absurdas, injustas ou anacrónicas. [...] Ao mesmo tempo, vemos que, em muitos países, os jornalistas, perseguidos impiedosamente pela lei, expiam, sob o peso das mais rigorosas sentenças, o crime de terem livremente exposto o seu pensamento, e quase sempre na intenção, louvável e digna de respeito, de defender a liberdade e a justiça. É o que acontece ultimamente, sobretudo em Itália, Espanha e mesmo Portugal”<sup>22</sup>.

Contudo, e apesar da distribuição de cópias pelos congressistas, a mensagem não seria admitida pela mesa.

Sobre as leis da imprensa, o relatório refere que 1898 foi o ano das querelas por delitos de imprensa, por requerimentos de delegados do Ministério Público ou de particulares. Em 1898 seriam querelados muitos jornais. A lei desse ano era mais liberal mas não impedia os intentos repressivos do poder executivo<sup>23</sup>. As penas eram exclusivamente as da lei geral, terminando as multas, a suspensão temporária da publicação e a supressão definitiva do jornal, mas praticava-se sem disfarce a censura prévia, o que levou os dirigentes da associação a procurarem o Primeiro-Ministro e os deputados.

Para estes, num texto cheio de recorte literário, a petição de 18 de Fevereiro de 1899 apontava:

“Assim é que, ao passo que nós vemos a absorção da justiça na polícia e um simples artigo de regulamento passar por cima da lei fundamental, que não autoriza a censura prévia, vemos também que uma lei especial, preparada contra os inimigos da sociedade, leva o seu desprezo pela imprensa até ao ponto de permitir que uma das suas malhas colha o jornalista inofensivo que no ardor do seu entusiasmo profere, sem a menor intenção criminosa”<sup>24</sup>.

A vida da Associação da Imprensa Portuguesa decairia na passagem para o século seguinte, dando sequência a outra instituição, a Associação da Classe dos Trabalhadores da Imprensa de Lisboa, fundada em 1905<sup>25</sup>, com igual espírito democrático e génese do futuro movimento sindicalista nacional dos jornalistas.

Além de uma vida dedicada ao jornalismo, Alberto Bessa escreveu teatro (*O cabecilha*), poesia (*Ondeantes*, 1883), opereta (*A reviravolta*), colaborou com Guedes de Oliveira na imitação da opereta *O moleiro de Alcalá*, *Espanhóis em Melilha* e *Rebenta a bexiga* e fez crítica (*Palavra dos Lusíadas*,

1895; *Quem foi Almeida Garrett*, 1903). Consagrou grande actividade à vida associativa da classe, na antiga Associação da Imprensa Portuguesa e na Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, bem como a homenagens a vultos do jornalismo, como Rodrigues Sampaio<sup>26</sup>. Representaria ainda o Instituto de Coimbra, a Associação de Escritores e Jornalistas de Lisboa, a Real Academia Galega da Corunha e a Real Academia de Buenas Letras de Barcelona<sup>27</sup>. O jornalista anunciara a publicação de outro livro, *Os bastidores do jornalismo*, mas não há indicação em nenhuma biblioteca, o que pode significar não o ter concluído.

## Bibliografia

**Aranha, Brito**, *Factos e homens do meu tempo. Memórias de um jornalista*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1907.

**Bessa, Alberto**, *A Associação de Imprensa Portuguesa. Sua fundação e actos da comissão instaladora e da comissão especial de socorros desde Setembro de 1897 a Março de 1898*, Lisboa, Imprensa de Libânio da Silva, 1898a.

**Bessa, Alberto**, *A exposição da imprensa. Número único*, Lisboa, Associação da Imprensa Portuguesa, 1898b.

**Bessa, Alberto**, *A Associação da Imprensa Portuguesa no segundo anos da sua existência. Relatório elaborado para ser presente à assembleia-geral*, Lisboa, Tipografia de O Expresso, 1899.

**Bessa, Alberto**, *O jornalismo. Esboço histórico da sua origem e desenvolvimento até aos nossos dias*, Lisboa, Viúva Tavares Cardoso, 1904.

**Bessa, Alberto**, *Enciclopédia do comerciante e do industrial*, Lisboa, Livraria Central, 1912.

**Bessa, Alberto**, *100 anos de vida. A expansão da imprensa brasileira no primeiro século da sua existência*, Lisboa, Livraria Central, 1929.

**Bramão, Alberto**, *O jornalismo*, Lisboa, Tipografia Rua da Barroca, 1899.

**Carvalho, Arons**, *A censura à imprensa na época marcelista*, Coimbra, Minerva, 1999

**Fernandes, Eduardo**, *Memórias do “Esculápio”. Das mãos da parteira ao ano da República*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1940.

**Franco, Graça**, *A censura à imprensa (1820-1974)*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1993.

**Sobreira, Rosa Maria**, *Os jornalistas portugueses, 1933-1974. Uma profissão em construção*, Lisboa, Livros Horizonte, 2003

**Tengarrinha, José Manuel**, *História da imprensa periódica portuguesa*, Lisboa, Portugália, 1965.

**Valente, José Carlos**, *Elementos para a história do sindicalismo dos jornalistas portugueses*, Lisboa, Sindicato dos Jornalistas, 1998.

<sup>1</sup> Universidade Católica Portuguesa

<sup>2</sup> Alberto Bessa, *O jornalismo. Esboço histórico da sua origem e desenvolvimento até aos nossos dias*, Lisboa, Viúva Tavares Cardoso, 1904, pp. 207-208

<sup>3</sup> Alberto Bessa, *O jornalismo. Esboço histórico da sua origem e desenvolvimento até aos nossos dias*, Lisboa, Viúva Tavares Cardoso, 1904, p. 61

<sup>4</sup> Eduardo Fernandes, *Memórias do “Esculápio”. Das mãos da parteira ao ano da República*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1940, p. 73

<sup>5</sup> Alberto Bessa, *O jornalismo. Esboço histórico da sua origem e desenvolvimento até aos nossos dias*, Lisboa, Viúva Tavares Cardoso, 1904, p. 219

<sup>6</sup> Alberto Bessa, *O jornalismo. Esboço histórico da sua origem e desenvolvimento até aos nossos dias*, Lisboa, Viúva Tavares Cardoso, 1904, p. 178

<sup>7</sup> Alberto Bramão, *O jornalismo*, Lisboa, Tipografia Rua da Barroca, 1899, p. 20

<sup>8</sup> Alberto Bessa, *O jornalismo. Esboço histórico da sua origem e desenvolvimento até aos nossos dias*, Lisboa, Viúva Tavares Cardoso, 1904, p. 60

<sup>9</sup> *Jornal do Comércio e das Colónias*, 29 de Janeiro de 1938

<sup>10</sup> Alberto Bessa, *Enciclopédia do comerciante e do industrial*, Lisboa, Livraria Central, 1912, p. xiii

<sup>11</sup> *O Jornal do Comércio e das Colónias*, 1 de Janeiro de 1921

<sup>12</sup> *O Jornal do Comércio e das Colónias*, 10 de Abril de 1932

<sup>13</sup> Graça Franco, *A censura à imprensa (1820-1974)*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1993, p. 49; Arons de Carvalho, *A censura à imprensa na época marcelista*, Coimbra, Minerva, 1999, p. 18

<sup>14</sup> Arons de Carvalho, *A censura à imprensa na época marcelista*, Coimbra, Minerva, 1999, p. 29; Graça Franco, *A censura à imprensa (1820-1974)*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1993, p. 70

<sup>15</sup> Alberto Bessa, *A Associação de Imprensa Portuguesa. Sua fundação e actos da comissão instaladora e da comissão especial de socorros desde Setembro de 1897 a Março de 1898*, Lisboa, Imprensa de Libânio da Silva, 1898a, pp. 6-7

<sup>16</sup> José Carlos Valente, *Elementos para a história do sindicalismo dos jornalistas portugueses*, Lisboa, Sindicato dos Jornalistas, 1998

<sup>17</sup> José Carlos Valente, *Elementos para a história do sindicalismo dos jornalistas portugueses*, Lisboa, Sindicato dos Jornalistas, 1998, p. 33

<sup>18</sup> Rosa Maria Sobreira, *Os jornalistas portugueses, 1933-1974. Uma profissão em construção*, Lisboa, Livros Horizonte, 2003

<sup>19</sup> Alberto Bessa, *A exposição da imprensa. Número único*, Lisboa, Associação da Imprensa Portuguesa, 1898b

<sup>20</sup> Alberto Bessa, *A Associação de Imprensa Portuguesa. Sua fundação e actos da comissão instaladora e da comissão especial de socorros desde Setembro de 1897 a Março de 1898*, Lisboa, Imprensa de Libânio da Silva, 1898a; Alberto Bessa, *A Associação da Imprensa Portuguesa no segundo anos da sua existência. Relatório elaborado para ser presente à assembleia-geral*, Lisboa, Tipografia de O Expresso, 1899

<sup>21</sup> Alberto Bessa, *A Associação da Imprensa Portuguesa no segundo anos da sua existência. Relatório elaborado para ser presente à assembleia-geral*, Lisboa, Tipografia de O Expresso, 1899, p. 30

<sup>22</sup> Alberto Bessa, *A Associação da Imprensa Portuguesa no segundo anos da sua existência.*

*Relatório elaborado para ser presente à assembleia-geral*, Lisboa, Tipografia de O Expresso, 1899, pp. 21-22

<sup>23</sup> José Manuel Tengarrinha, *História da imprensa periódica portuguesa*, Lisboa, Portugália, 1965, p. 234<sup>24</sup> Alberto Bessa, *A Associação da Imprensa Portuguesa no segundo anos da sua existência. Relatório elaborado para ser presente à assembleia-geral*, Lisboa, Tipografia de O Expresso, 1899, pp. 28-29

<sup>25</sup> Rosa Maria Sobreira, *Os jornalistas portugueses, 1933-1974. Uma profissão em construção*, Lisboa, Livros Horizonte, 2003, p. 37

<sup>26</sup> Brito Aranha, *Factos e homens do meu tempo. Memórias de um jornalista*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1907, p. 120

<sup>27</sup> Alberto Bessa, *100 anos de vida. A expansão da imprensa brasileira no primeiro século da sua existência*, Lisboa, Livraria Central, 1929.